

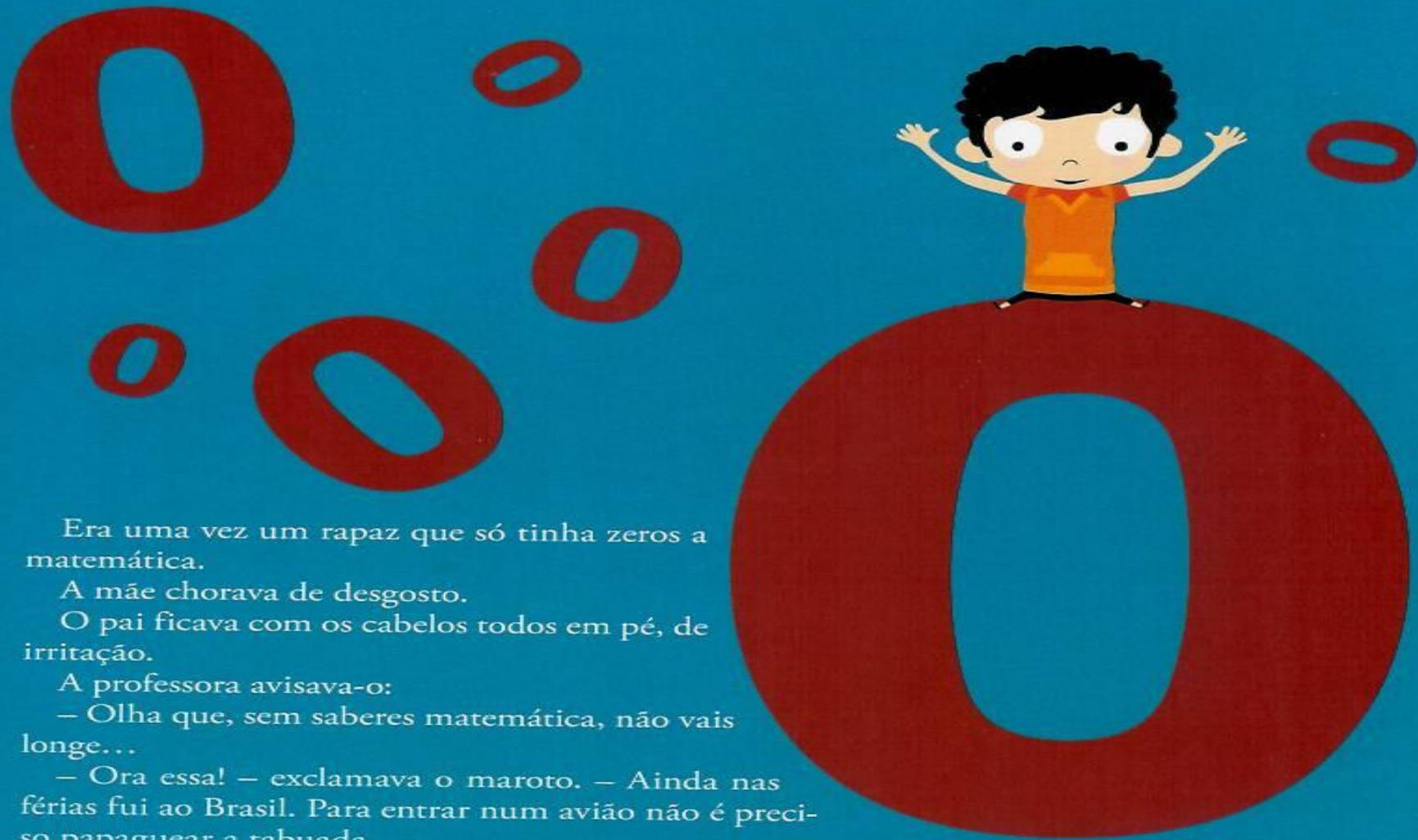
Luísa Ducla Soares

Obra Completa

O Rapaz Que Tinha Zero a Matemática

Ilustrado por Raquel Leitão





Era uma vez um rapaz que só tinha zeros a matemática.

A mãe chorava de desgosto.

O pai ficava com os cabelos todos em pé, de irritação.

A professora avisava-o:

– Olha que, sem saberes matemática, não vais longe...

– Ora essa! – exclamava o maroto. – Ainda nas férias fui ao Brasil. Para entrar num avião não é preciso papaguear a tabuada.

A senhora perdia a paciência, enquanto os colegas riam à gargalhada.

– Ó Vasco, vamos mandar o teu nome para o livro dos recordes. Mereces o título de campeão dos zeros a matemática. Tu és realmente o máximo!

– O mínimo! – emendava a professora.

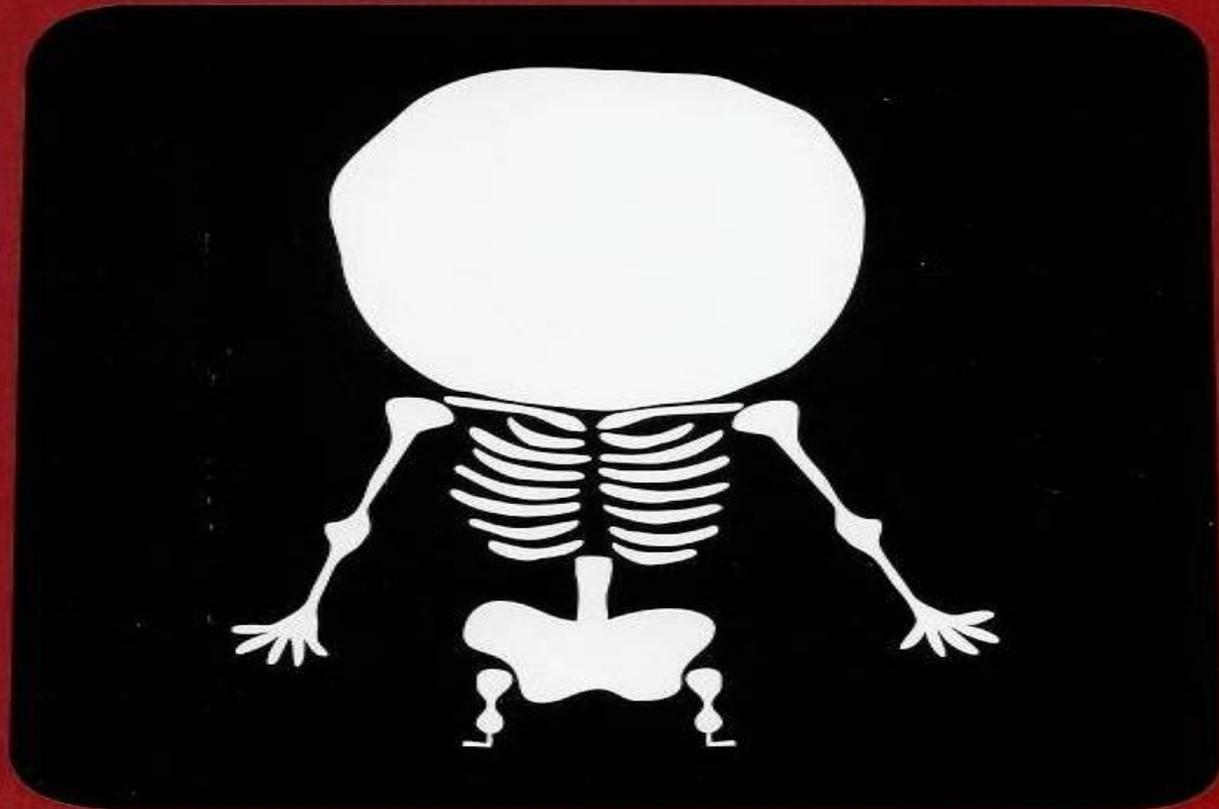
Sofreria o rapaz de alguma doença? De uma estranha alergia àquela disciplina?

Há pessoas que são alérgicas ao pólen das flores, ao pêlo dos gatos, às picadas de abelhas...

Levaram-no ao centro de saúde para ser examinado. Fizeram-lhe radiografias, análises, sujeitaram-no a testes e mais testes.

– Este jovem é são que nem um pêro! – exclamou finalmente o médico.

– Claro! – apressou-se Vasco a responder. – Por acaso os peros aprendem matemática? Nem eles nem os cães, os gatos, ou os elefantes. Eu quero correr mundo, divertir-me, sonhar. Os números não me interessam!



Os dias, os meses, os anos foram passando.

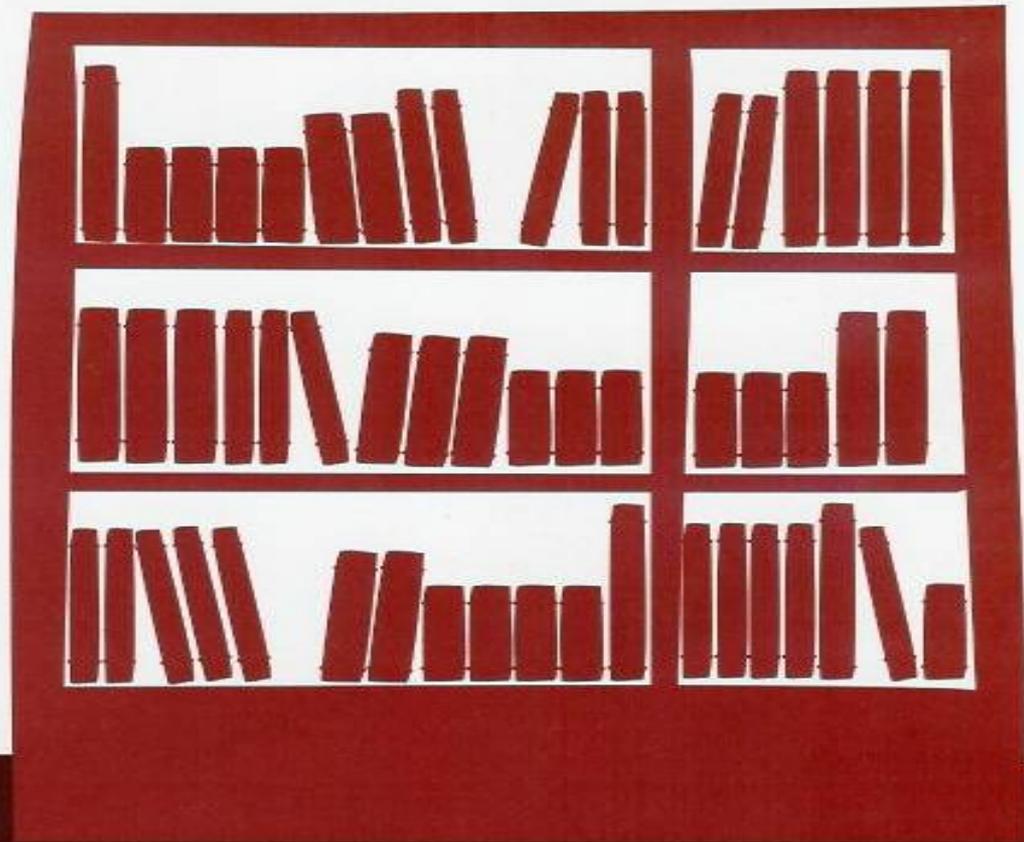
Aprendeu a ler enquanto o diabo esfrega um olho e passou a devorar os livros da biblioteca.

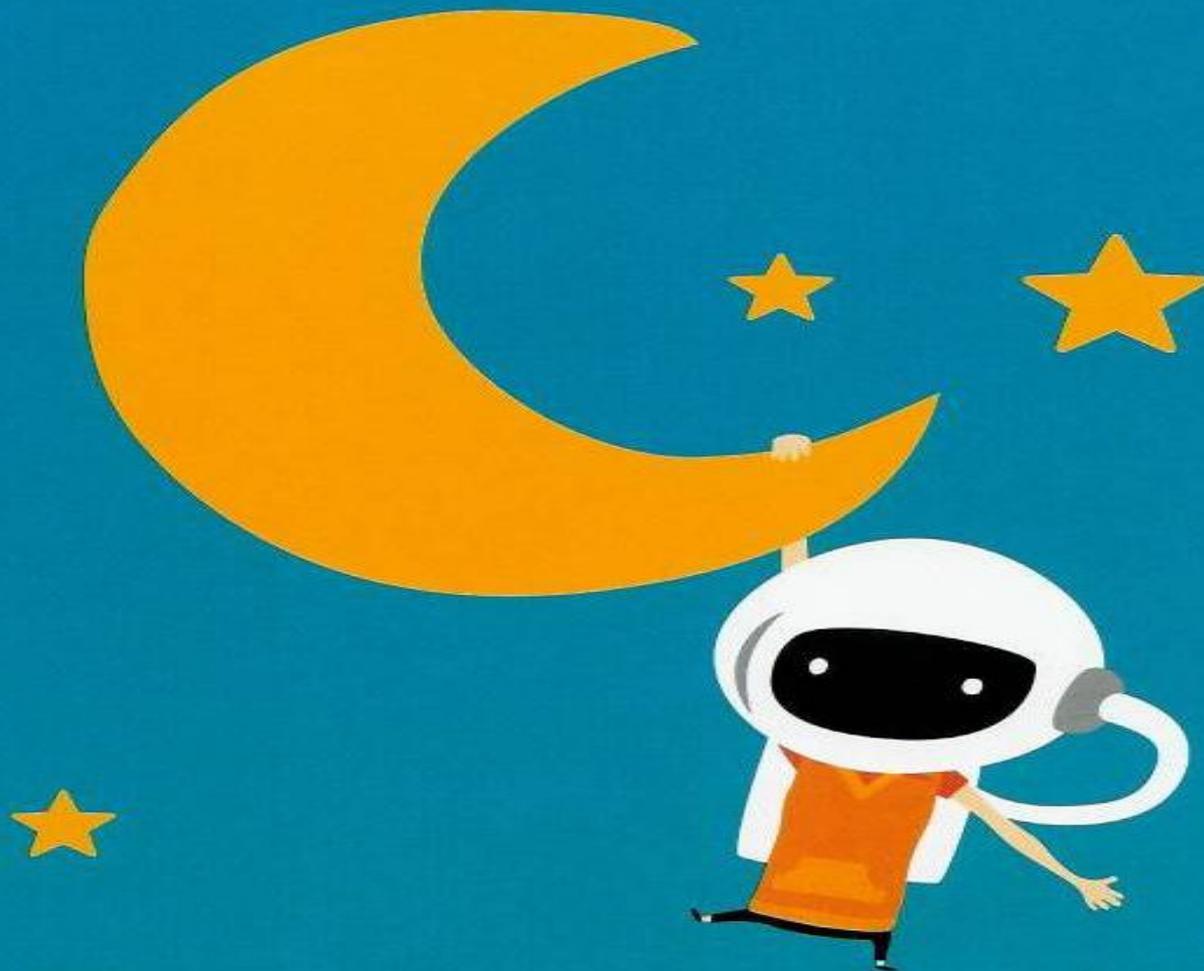
Entusiasmou-se com o funcionamento do corpo humano, a vida dos animais, os segredos dos oceanos e dos planetas distantes.

Era o melhor nas corridas de bicicletas, ninguém o batia em combates de judo, como guarda-redes não havia outro igual.

Mas continuava a ter zeros a matemática!

– Que vais fazer quando fores grande? – perguntou-lhe um dia a professora, preocupada.





- Gostava de ser engenheiro de pontes...
- Com os teus cálculos, as pontes caíam logo para o fundo dos rios – disse ela.
- Também gostava de ser astronauta...
- Com os teus cálculos, ias parar ao planeta errado – troçaram os colegas.
- Podes ter jeito para cozinheiro, como eu – lembrou a Isabel, que era muito gulosa.
- Não queres ajudar-me hoje a fazer qualquer coisa doce para a minha festa de anos na escola?

Foram para casa dela, pegaram num livro de receitas e escolheram a que lhes pareceu mais fácil, o *Bolo de Iogurte*.

Para 9 pessoas era preciso 1 boião de iogurte, 1 boião de óleo, 250 g de açúcar, 300 g de farinha com fermento, 4 ovos e um bocadinho de raspa de limão.

A Isabel pôs os pacotes em cima do balcão da cozinha, foi buscar a balança e pôs-se a fazer contas.

– Somos 21 na nossa aula. Menos 2 que estão com gripe, menos 2 que fazem dieta para não ficarem ainda mais gordas. Mais a professora que, infelizmente, nunca falta. 18 convidados! Fazemos 2 receitas porque 2×9 são 18. Vasco, pesa a farinha e o açúcar e põe dentro da tigela enquanto eu aqueço o forno e vou buscar a forma.



Vasco pegou no pacote de farinha. Quanto seria 300 X 2? Ora, mais grama, menos grama não havia de fazer diferença... Entornou meio pacote para dentro do recipiente. Pegou no açúcar e fez o mesmo. Mas não seria melhor acrescentar o que estava no açucareiro? Assim fez. Depois foi à despensa buscar a garrafa de óleo de girassol e, pimba, entornou-a toda. Só faltavam os ovos. Quanto seria 4 X 2? Talvez meia dúzia... Foi ao frigorífico e, um a um, cuidadosamente, partiu os ovos.

– Já puseste tudo? Que despacho! – admirou-se a Isabel. – Deixa-me juntar a casquinha de limão para dar sabor. Vai ficar uma delícia.

Com a colher de pau, envolveram a massa e por fim fizeram-na rodopiar com a batedeira eléctrica. A Isabel meteu o bolo no forno e regulou a temperatura.

Quando o retiraram tinha um aspecto fantástico, todo tostadinho! Puseram-lhe em cima uma vela: ia ser um bolo de anos!

No dia seguinte, no intervalo da tarde, colocaram-no em cima da secretária e começaram todos a cantar:

Parabéns a você,
nesta data querida,
muitas felicidades,
muitos anos de vida.





Havia um ambiente de encantamento. Cortaram a primeira fatia e deram-na à Professora Graça.

- Ai! – gritou ela. – Isto pinga gordura por toda a parte. Já sujei o vestido.
- Que doce! Está mesmo enjoativo! – queixou-se a Sandra.
- Que porcaria! – exclamou o João. – Acho que até vou vomitar...



A Isabel então olhou enraivecida para o Vasco, que se escondeu debaixo da carteira.
– Estragaste-me a festa! Fizeste mal as contas, claro! Pois se tens sempre zero a matemática!

Os colegas puxaram-no por uma orelha e despejaram-no no corredor.

– Para cozinheiro também não serves! Será que tu prestas para alguma coisa?

O rapaz ficou desiludido. Mas à tarde, em casa, procurou reagir. Nalguma profissão havia de ser bom...

– Vou ser poeta...

Sentou-se no sofá e as ideias começaram a saltitar. Como gostava da originalidade, pensou fazer um poema à careca do director, que parecia mesmo uma pista de aterragem para moscas. Também seria engraçado escrever sobre certas meninas vaidosas que nunca se riam das anedotas por usarem aparelhos nos dentes. Não... Lembrou-se então da matemática, a sua inimiga número um. Foi rabiscando, rabiscando, rabiscando. Os versos saíam-lhe num jacto. Passou-os a limpo, esmerando-se na letra, numa folha de papel brilhante.

No dia seguinte apresentou-se na aula com o trabalho.



Todos os colegas subiram ao estrado e foram lendo as redacções que tinham feito como trabalho de casa. Umas dedicadas à Primavera, outras à paz, outras à amizade, à protecção da natureza, porque os professores adoram estes temas. Finalmente, chegou a vez dele. Como se chamava Vasco, era sempre o último. Fitou os olhos cinzentos da professora, escondidos por detrás de uns óculos redondos, e declamou, muito sério:

Há coisa mais antipática,
pior que a matemática?
Nem sequer a dor ciática,
a tortura asiática,
a tosse de cão asmática
ou as regras da gramática...
Há coisa mais antipática,
pior que a matemática?

Os colegas estavam embasbacados.

– Mas que lata! Agora vai ter zero a português... – murmuravam entre si.

A professora corou, corou até as suas bochechas parecerem um balão vermelho quase a explodir e depois ficou branca, branca, branca.

Que iria acontecer?

PRIMAVERA
NATUREZA

AMIZADE
PAZ



Ao contrário do que todos imaginavam, ela disse:

– Ora lê lá outra vez e pendura depois o poema no quadro de cortiça.

O rapaz, mais à vontade, repetiu:

**Há coisa mais antipática,
pior que a matemática?**

... ..

... ..

– Expresses bem os teus sentimentos. E estou a ver que estás a começar a usar a disciplina que detestas.

– Eu? – replicou o rapaz, indignado. – Nunca!

– Mas o teu poema só tem versos de sete sílabas. Muito bem contados! Os ritmos da poesia e da música obedecem a esquemas matemáticos.

Vasco embatucou.





O Natal estava quase à porta.

Não se sentindo já um miúdo, Vasco não escreveu a sua lista para o Pai Natal.

– Estou farto de receber presentinhos daqui e dali, carros e bolas, luvas e camisolas, livros e CDs. Este ano só quero dinheiro, a tilintar na minha mão. Junto tudo e compro uma consola de jogos! Isso é que eu quero!

Avisou a família toda das suas ideias e esperou que o grande dia chegasse.



Teve uma sorte fantástica! Só a Dona Rosa, da tabacaria, é que destoou, oferecendo-lhe uma caixa de chocolates. De resto, os pais deram-lhe 50 euros, os avós de Lisboa, 30, os do Porto, 50, os tios de Cascais entregaram-lhe um envelope com 20 euros, os de Massamá imitaram-nos e, moedas aqui, notas acolá, juntou uma mão-cheia de dinheiro.

– Finalmente vou comprar uma consola!

– Mas quanto juntaste? – perguntaram os primos, curiosos.

Vasco emperrou.

– Então, nem sequer sabes fazer contas de somar? Diz lá, depressa!

Ele ficou calado. E toda a noite os números bailaram na sua cabeça.

$50 + 30 + 50 + 20 + 20 + 10 + 10 + 5 + 5$

Ao jantar, não conseguiu engolir o bacalhau, engasgou-se com o peru, as filhoses pareceram-lhe amargas, amargas, amargas.

Irritado, impaciente, teve finalmente uma ideia salvadora. Pediu ao avô Mário:

– Por favor, não me troca este dinheiro em notas grandes?

O avô tirou a carteira do bolso e retirou 4 notas de 50 euros.

– Aqui estão duzentos euros! Que vais fazer com eles?

Vasco deu um salto de contentamento, ao descobrir quanto tinha.

– Vou comprar uma consola no hipermercado. Uma destas! – exclamou, abrindo o folheto com as promoções de Dezembro. – Que tal? Também há jogos fantásticos... vou comprar alguns, todos os que puder.



– Essa consola custa cento e sete euros. Os jogos custam vinte e cinco, cada um. Quantos vais querer?

Diante do avô não queria fazer má figura. Quanto seria 200 menos 107? A dividir por 25... ainda por cima... Resolveu disfarçar.

– Ah, tenho de ajudar a mãe a levantar a mesa. Coitada...

Contra os seus hábitos e, mais ainda, contra a sua vontade, levou para a cozinha as travessas, os pratos, os copos, as garrafas vazias.

– Como o Vasco está mudado! Tão prestável! – admirava-se a família.

No silêncio da cozinha cheia de barafunda, duas lágrimas teimosas embaciavam-lhe os olhos.





No dia a seguir ao Natal está o comércio fechado. Mas, logo que abriu, o rapaz pediu aos pais que o acompanhassem para comprar o tão desejado presente.

– Hoje é impossível – desculpou-se a mãe. – Não estou de férias como tu.

– Nem eu – disse o pai. – Tenho trabalho até dizer chega. – Pede a um dos primos que vá contigo. Vocês já estão crescidinhos.

Mas a Marta ia ao cinema, a Ana tinha ficado em casa duma amiga, o Luís combinara um treino de futebol.

Pediu às gémeas do andar de baixo, ao filho da porteira, a este e àquele. Ninguém podia. Foi então que o mariola do Raul lhe bateu à porta. Vinha entusiasmado para jogar na consola nova. Vasco deixou-o entrar, contrariado.

– Vamos os dois buscar a consola!

Vasco hesitou. Daquele nunca se podia esperar algo de bom...

– Então? Tomamos o autocarro para o Feira Nova. Pára mesmo à porta.

Num instante chegaram. Foram logo direitinhos à secção de jogos. Lá estavam as consolas dentro de uma vitrine e os jogos todos arrumados mesmo ali ao lado. Havia os de corridas e os de guerras, os de monstros e os de labirintos. Diante de tantos, tornava-se difícil escolher. Raul vibrava de entusiasmo.

– Vá, mostra lá o dinheirinho. Quantos jogos vais levar?

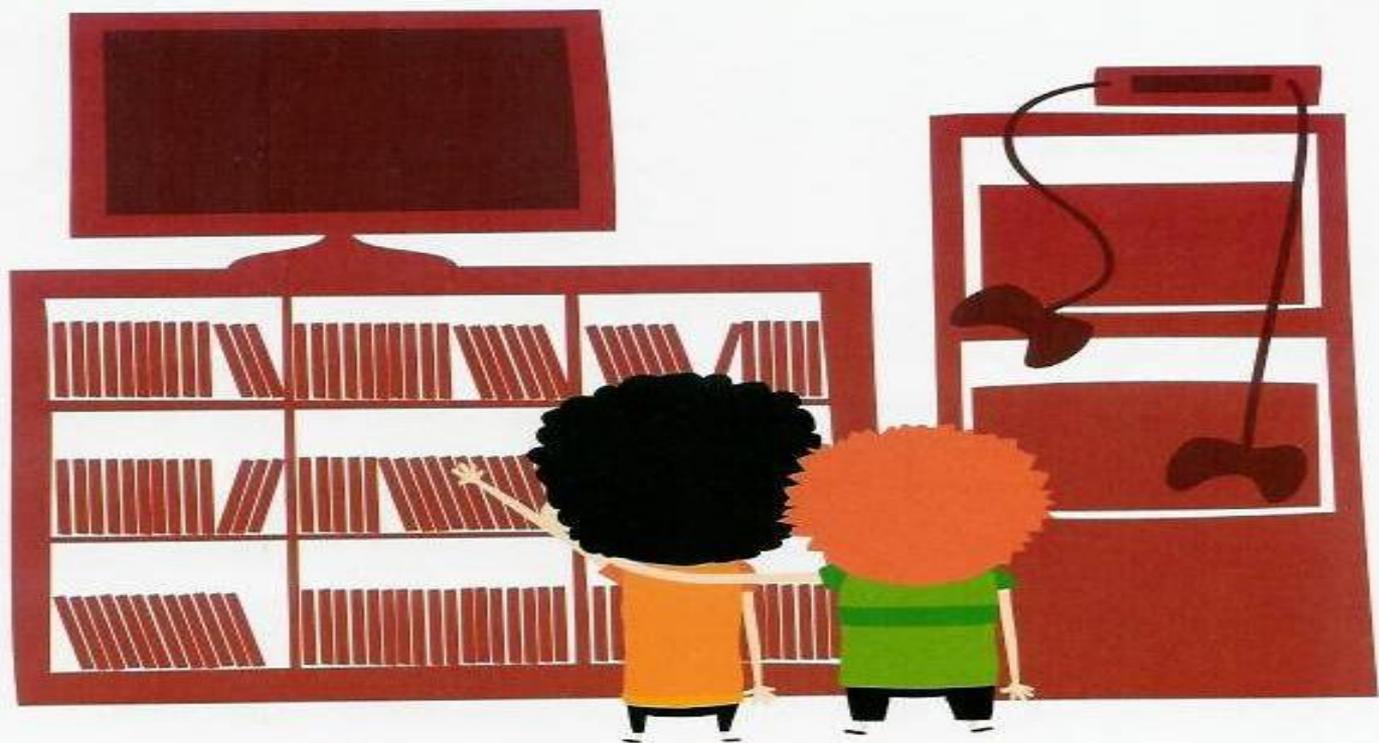
O rapaz não quis dar parte fraca.

– Ainda não fiz as contas.

– Dois dias não te chegaram para fazer as contas? Deixa isso comigo.

Desembaraçado, pediu ao empregado a consola, tirou dois jogos da prateleira e precipitou-se para a caixa.

Como não havia fila, pagou num instante, meteu as compras no saco plástico e guardou o troco, à sorrelfa, na algibeira. Tinha ganho bem o dia!



Seguiram silenciosos no autocarro.
À porta de Vasco, Raul despediu-se, estranhamente.
– Afinal tenho que fazer.
– Dás-me o recibo? É preciso para pedir a garantia.
– Não sei dele...
E desapareceu.



Quando o rapaz pulou, escadas acima, encontrou o avô Mário que subia devagar, como sempre.

– Vinha perguntar-te se querias que fosse contigo fazer a mais maravilhosa de todas as compras – gracejou ele.

– Já está aqui a consola. Sobrou dinheiro para dois jogos.

– Só para dois jogos? Chegava para três e ainda sobravam 18 euros. Deixaste-te enganar! Que nota é que tiveste a matemática?

– Zero...

O avô quase ia caindo da escada abaixo. Zero a matemática! Era incrível!

– Está-se a ver o resultado...

– Talvez o avô me pudesse ajudar. Se me emprestasse uma máquina de calcular... Ela fazia tudo por mim...

– Mas tu já tens uma máquina de calcular!

– Ora essa! Onde é que está?

– Em cima dos ombros, entre as duas orelhas, por baixo dos cabelos.

Vasco apalpou a cabeça.

– Vamos pôr essa máquina a funcionar – propôs o avô.





Durante o resto das férias de Natal, brincando, brincando, foram fazendo em conjunto exercícios de matemática. Somavam os automóveis que passavam de manhã com os que passavam à tarde, iam ao café, com uma notita na mão, comiam bolos, refrescos e viam se o troco vinha certo. Compararam os preços da mercearia com os do supermercado. Dividiram o quintal em canteirinhos para semear, dividiram as cartas do baralho, as peças do dominó para jogarem em família. Fizeram contas de multiplicar para calcular quantas passas era preciso pôr na taça para cada um comer na passagem do ano, quando exprimisse um desejo.

- Qual é o seu desejo, avô? – quis saber o Vasco.
- Continuar a fazer ginástica para não ficar velho – confessou ele, a rir.
- Mas nunca o vejo de fato-de-treino...
- Também se faz ginástica com a cabeça. Sem ir ao ginásio nem mudar de roupa...
- A matemática é uma ginástica da cabeça, não é? Afinal é tão giro fazer ginástica com a cabeça como com as pernas.





– Sabe, avô, esta conversa está a dar-me ideias para escrever um poema. Vai ser o meu trabalho de férias.

Pegou num papel e pôs-se a rabiscar:

Ai, não há coisa mais prática
Que usar a matemática!
Mesmo uma pessoa asmática,
muito velha, com ciática
faz ginástica acrobática
com essa jovem simpática
que se chama matemática.

As aulas recomeçaram. Logo no primeiro dia, a professora, para variar, propôs:

– Hoje são vocês que inventam os problemas. Quem é o primeiro a vir ao quadro?
Vasco levantou-se logo.

– Eu! Eu!

Todos arregalaram os olhos. Estariam a sonhar?

Ele avançou, pegou no giz e escreveu no quadro os números, enquanto falava.

– Um rapaz foi ao hipermercado com 200 euros. Comprou 1 consola por 107 e 2 jogos a 25 euros cada um. Com que troco ficou?

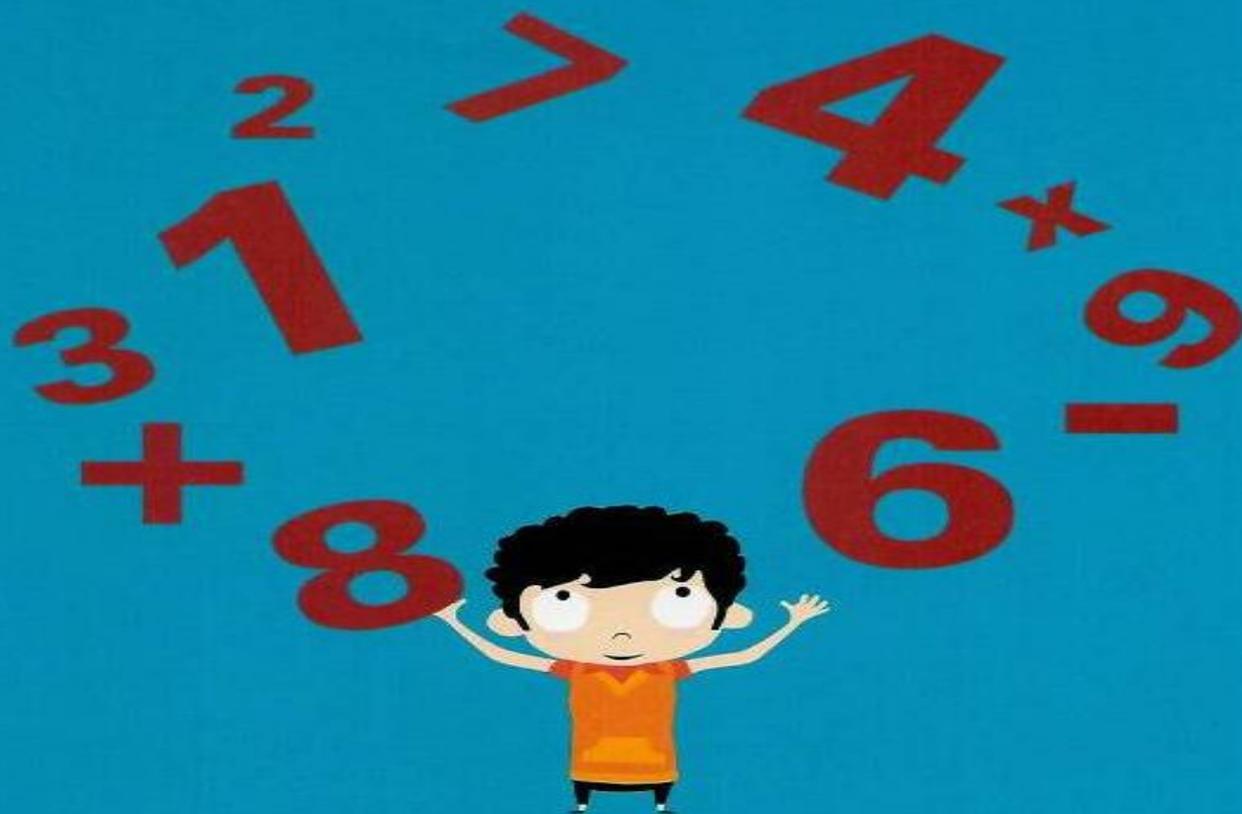
O Raul começou a remexer-se na cadeira. Um suor frio percorria-lhe o corpo.

– Então, picou-te alguma pulga? Estás nervoso? – perguntaram os colegas.



200€

and could be
multiplication
of a number?
or a number?



– O malandro já conhece este exercício de cor e salteado – explicou o Vasco. – Ele é que foi comigo ao Feira Nova fazer a compra com o dinheiro que me deram no Natal. E ainda não me deu o troco.

O outro encolheu-se:

– Professora, posso ir à casa de banho?

– Não, agora vais fazer a conta diante de toda a turma.

Embatucado, Raul prometeu:

– Eu pago... eu pago... amanhã trago os 43 euros.

A professora, claro, aproveitou logo para dar uma lição.

– Estão a ver a falta que faz a matemática? Até serve para apanhar vigaristas!